

Índice

Prefácio	13
Introdução: Macho, obviamente	19
PARTE I: O Quotidiano	
Capítulo 1: Pode a Limpeza de Neve Ser Sexista?	47
Capítulo 2: Urinóis Unissexo	65
PARTE II: O Local de Trabalho	
Capítulo 3: A Longa Sexta-Feira	87
Capítulo 4: O Mito da Meritocracia	110
Capítulo 5: O Efeito Henry Higgins	131
Capítulo 6: Valer Menos do que Um Sapato	147
PARTE III: Conceção	
Capítulo 7: A Hipótese do Arado	165
Capítulo 8: Tamanho Único (mas para Homens)	178
Capítulo 9: Um Mar de Gajos	190
PARTE IV: A Ida ao Médico	
Capítulo 10: Os Remédios não Resultam	215
Capítulo 11: Síndrome de Yentl	237
PARTE V: Vida Pública	
Capítulo 12: Um Recurso a Explorar, sem Custos	257
Capítulo 13: Da Carteira Delas para a Carteira Deles	271
Capítulo 14: Os Direitos das Mulheres São Direitos Humanos	282

PARTE VI: Quando as Coisas Correm mal	
Capítulo 15: Quem Reconstruirá?	305
Capítulo 16: Não É a Calamidade Que Mata	312
Posfácio	326
Agradecimentos	335
Notas	339

Prefácio

Quase toda a história humana de que há registo padece de um grande défice informacional. A começar pela teoria do homem caçador, os cronistas do passado deixaram pouco espaço para o papel da mulher na evolução da humanidade, quer a nível cultural quer biológico. Por contraste, considerou-se que as vidas dos homens representavam as vidas da generalidade dos humanos. No que toca às vidas da outra metade da humanidade, é frequente haver apenas silêncio.

E esses silêncios estão por todo o lado. Toda a nossa cultura está crivada deles. Filmes, notícias, literatura, ciência, planeamento urbano, economia. As histórias que contamos a nós mesmos sobre passado, presente e futuro. Tudo está marcado — desfigurado — por uma “presença ausente” de forma feminina. Um enorme desequilíbrio nos dados disponíveis: o défice informacional de género.

Este défice não tem que ver apenas com silêncio. Estes silêncios, estes espaços deficitários, têm consequências. Todos os dias afetam as vidas das mulheres. A forma como o fazem pode ser relativamente menor. Tremer de frio em escritórios regulados para a norma térmica masculina ou ter dificuldade em alcançar a prateleira superior regulada para a norma da altura masculina. Irritante, com toda a certeza. Injusto, sem dúvida.

Mas, em casos assim, não é fatal. Não é como ter um acidente com um carro cujos dispositivos de segurança não têm em conta as medidas das mulheres. Não é como ter ataques de coração não diagnosticados porque os sintomas são considerados “atípicos”. Para as

mulheres que passam por *isto*, as consequências de viverem num mundo construído sobre dados masculinos podem ser mortíferas.

Uma das coisas mais importantes a dizer sobre o défice informacional de género é que geralmente não é mal-intencionado ou sequer deliberado. Pelo contrário. É simplesmente o resultado de uma forma de pensar que prevalece há milénios e que, em consequência, é uma espécie de *não* pensar. Um não pensar redobrado, até: dos homens nem é preciso falar — enquanto das mulheres *nunca* se fala. Porque ao falarmos de seres humanos, na verdade, estamos a referir-nos aos homens.

Esta não é uma observação nova. Já em 1949 Simone de Beauvoir famosamente a fizera ao escrever: “A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si própria, mas por relação com ele; ela não é olhada como um ser autónomo. [...] Ele é o Sujeito, ele é o Absoluto — ela é o Outro.”¹ O que é novo é o contexto em que as mulheres continuam a ser “o Outro”. E esse contexto é um mundo cada vez mais dependente e cativo dos dados. *Big Data* — os grandes, avassaladores acervos de informação. Que por sua vez são filtrados, em demanda de Grandes Verdades, pelos Grandes Algoritmos, usando Grandes Computadores. Mas quando esse grande volume de dados é corrompido por grandes silêncios, as verdades que se obtêm são, na melhor das hipóteses, meias-verdades. E, com frequência, para as mulheres, nem sequer chegam a ser verdades. Como os próprios cientistas de computadores dizem: “Entra lixo, sai lixo.”

Este novo contexto faz com que ainda seja mais urgente reduzir o défice informacional de género. Já é comum o uso da inteligência artificial (IA) para ajudar os médicos a diagnosticar, para analisar *curricula vitae*, até mesmo para conduzir entrevistas a potenciais candidatos a empregos. Mas as IA foram treinadas em bases de dados que estão repletas de défices informacionais — e como os algoritmos estão muitas vezes protegidos por patentes de *software*, nem sequer podemos verificar se esses défices foram tomados em consideração. Contudo, a julgar pelas evidências disponíveis, parece muito pouco provável que isso se tenha verificado.

Números, tecnologia, algoritmos, são fatores cruciais para a história de *Mulheres Invisíveis*. Mas contam apenas metade da história. A expressão “dados” é apenas uma outra forma de designar a infor-

mação, e a informação tem muitas fontes. É verdade que as estatísticas são uma espécie de informação, mas o mesmo acontece com a experiência humana. E por isso defendo que quando concebemos um mundo apto a funcionar para todos, precisamos da presença de mulheres. Se todas as pessoas que tomam decisões são homens brancos e fisicamente aptos (nove em cada dez vezes provenientes da América), isso também constitui um défice de dados — da mesma forma que não recolher informação em corpos femininos na investigação médica constitui um défice de dados. E, como irei demonstrar, não incluir a perspetiva das mulheres potencia enormemente esse enviesamento masculino não intencional que pretende apresentar-se (frequentemente de boa fé) como “unissexo”. Era a isto que Simone de Beauvoir se referia quando disse que os homens confundem o seu próprio ponto de vista com a verdade absoluta.

Os problemas específicos das mulheres que os homens se esquecem de considerar abrangem uma grande variedade de áreas, mas, à medida que se avança na leitura deste livro, notar-se-á que há três temas que surgem de forma recorrente: o corpo feminino, o fardo das mulheres enquanto cuidadoras não remuneradas e a violência masculina contra as mulheres. Estas são questões de tal forma significativas que tocam quase todos os aspetos das nossas vidas, afetando a experiência que temos de tudo, desde o transporte público à política, passando pelo local de trabalho e pelo consultório médico. Mas os homens esquecem-nas, porque os homens não têm corpos femininos. Como iremos ver, o trabalho não remunerado feito pelos homens corresponde apenas a uma pequena parcela daquele que é realizado pelas mulheres. E embora eles também tenham de lidar com a violência masculina, esta manifesta-se, para eles, de uma forma diferente da que as mulheres têm de enfrentar. Por isso, estas diferenças são ignoradas e prosseguimos no pressuposto de que o corpo masculino e a experiência de vida que lhe corresponde são neutros do ponto de vista do género. Isto é uma forma de discriminação contra as mulheres.

Ao longo deste livro irei referir-me tanto a sexo como a género. Ao falar de “sexo” refiro-me às características biológicas que determinam se um indivíduo é macho ou fêmea. XX ou XY. Ao falar de “género” refiro-me aos sentidos sociais que aplicamos a esses factos

biológicos — a forma como as mulheres são tratadas por serem *percecionadas* como fêmeas. Uma destas categorias é artificial, mas ambas são reais. E ambas têm consequências significativas para as mulheres no seu percurso por este mundo construído com base em dados masculinos.

Mas apesar de falar de sexo e de género ao longo de todo o livro, uso *défice* informacional de *género* enquanto termo abrangente, porque o motivo pelo qual as mulheres são excluídas dos dados não é o sexo. É o género. Ao dar nome ao fenómeno que está a causar tantos danos às vidas de tantas mulheres, pretendo ser clara quanto à raiz do problema e, contrariamente às muitas alegações que se poderão ler nestas páginas, o problema não é o corpo feminino. O problema é o sentido social que atribuímos a esse corpo e uma incapacidade socialmente determinada de o ter em consideração.

Mulheres Invisíveis é uma história de ausência — e isso faz com que por vezes seja difícil escrever sobre ela. Se há um *défice* generalizado de dados sobre mulheres (tanto porque esses dados nem sequer são recolhidos como porque, quando o fazemos, geralmente não os separamos por sexos), no que toca a mulheres de cor, mulheres com deficiências, mulheres das classes trabalhadoras, os dados são praticamente inexistentes. Não apenas por não serem recolhidos, mas porque não são separados dos dados masculinos — aquilo a que se chama “dados organizados por sexo”. Nas estatísticas de representatividade, desde os empregos académicos aos papéis em filmes, os dados distribuem-se por “mulheres” e “minorias étnicas”, sendo que os dados sobre minorias étnicas femininas se perdem dentro de cada um dos grupos mais abrangentes. Sempre que esses dados existem, forneci-os — mas é muito raro isso acontecer.

O objetivo deste livro não é a psicanálise. Não tenho acesso direto aos pensamentos mais profundos daqueles que perpetuam o *défice* informacional de género, o que significa que este livro não pode fornecer provas definitivas sobre o motivo pelo qual esse *défice* existe. Apenas posso fornecer os dados e pedir ao leitor que considere as evidências. Mas também não me interessa se a pessoa que produziu uma ferramenta tendenciosamente masculina era um sexista secreto. As motivações privadas, até certo ponto, são irrelevantes. O que importa é o padrão. O que importa é se, perante o

volume de dados que apresento, é razoável concluir que o déficit informacional de gênero é apenas uma grande coincidência.

Defendo que não. Defendo que o déficit de dados de gênero é ao mesmo tempo uma causa e uma consequência do tipo de irreflexão que concebe a humanidade como quase exclusivamente masculina. Pretendo mostrar a frequência e a amplitude com que este enviesamento ocorre e como distorce os dados supostamente objetivos que cada vez mais governam a nossa vida. Pretendo mostrar que mesmo neste mundo super-racional, cada vez mais comandado por super-computadores superimparciais, as mulheres continuam a ser o *Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir — e que os perigos de serem relegadas para, na melhor das hipóteses, um subtipo dos homens continuam a ser tão reais como sempre foram.